

Domingo XX do Tempo Comum – C

18 de Agosto de 2019

HOJE É DOMINGO

O dia do Senhor tem o seu centro nevrálgico na Eucaristia, mas não se esgota nela. Esta conclui o gesto do envio pelo qual a assembleia é remetida ao quotidiano. É enviada «ao mundo» com o objecto de ser testemunha e fermento do que foi celebrado. A Missa, se for verdadeiro encontro com o Ressuscitado, deve-nos impelir para o testemunho. O dom da salvação que o Senhor nos concede na Eucaristia, deve ser anunciado, partilhado e expandido. Constatamos com tristeza que o «ide em paz» não é senão o final ansiado e esperado por uma assembleia que, a partir de certo instante, não deixa de olhar para o relógio. Gesto que delata as suas pressas por abandonar a igreja. Como poderíamos conseguir que a celebração da Eucaristia deixasse de ser um parêntesis sem qualquer vinculação com o resto do domingo? Que podem fazer os pastores e equipas de liturgia para que os fiéis cheguem a experimentar o final da Missa não como termo mas como início, como prolongamento?

ASPERSÃO

No evangelho, Jesus menciona o baptismo pelo qual há-de passar iniludivelmente. Evidentemente, está-se a referir à paixão e morte na cruz. Os cristãos incorporam-se sacramentalmente na Páscoa do Senhor ao serem baptizados. Então, pegou em nós o fogo do amor de Cristo. Aí começou a arder o fogo que nos transfigura e que transforma o mundo porque recebemos a paz do Senhor que passou pela cruz. Sem renunciar às realizações históricas concretas da paz, os baptizados em Cristo anseiam a paz que emerge do fogo do amor de Deus à humanidade e tem n'Ele a sua culminância. Hoje poder-se-ia substituir o Acto Penitencial pelo rito da aspersão com água incorporando alguma referência à fórmula que acompanha a unção pré-baptismal na qual se alude às dificuldades que o cristão encontra na corrida que lhe toca fazer sem se retirar, como diz Paulo.

PALAVRA ADOCICADA

Com frequência, o Leccionário propõe-nos uns textos cujos conteúdos nos incomodam e contrariam. Apresentam-nos um cristianismo exigente, provocativo. Sentimo-nos questionados na nossa coerência e no grau de fidelidade com que levamos a Palavra da vida. Pecado, conversão, compromisso, verdade, são termos que não estão na moda no âmbito da vida cristã. Nas paróquias temos que apagar os rescaldos fumegantes. Queremos apresentar um cristianismo atractivo, atraente e isso comporta um certo grau de permissividade. Pensamos nas nossas assembleias envelhecidas e debilitadas que não estão para muitos compromissos e basta-lhes em viver a sua fé simples e humildemente. Por isso, não é estranho que os pastores e equipas de liturgia optem por baixar a lista da radicalidade evangélica adocicando os fragmentos da Escritura. Mudamos algumas expressões, inclusivamente eliminamos frases. Resta-nos, além disso, o recurso da homilia para as adocicar. Mas a Palavra é espada de dois gumes: não apenas consola como também interpela e chama à con-

versão. É preciso ir vencendo essa surdez que nos impede de acolher e dar cabimento a essa Palavra que não coincide com as nossas opiniões, que não se ajusta aos nossos interesses, que se torna para nós irritante. Devemos aprender a escutá-la com uma atitude de total abertura e obediência na fé. Sem esta disposição, a proclamação das leituras gerará nos nossos corações a insatisfação que nos conduzirá à insensibilidade e este é um costume placidamente escravizante. E então, a Palavra deixará de ser Palavra da Vida. E nós renunciaremos a ser «ouvintes da Palavra».

ORAÇÃO EUCARÍSTICA

A carta aos Hebreus recomenda-nos viver com os olhos fixos em Cristo. A Oração Eucarística permite-nos situarmo-nos junto a Maria e João, sob a cruz, e olhar o que foi submergido nas profundidades do lodo da humanidade, até se afogar. Jeremias, atirado para a cisterna de lodo, foi resgatado da morte. Não assim o Senhor. Mas, desde a lama da morte, emergiu pela força do fogo do amor divino. E arrastou-nos consigo. Por isso, agora podemos caminhar sem nos cansarmos nem perder o ânimo, sabendo-nos acompanhados e guiados por Cristo. Ponhamos em jogo todos os nossos recursos para que os crentes vivam a Oração Eucarística como uma experiência pascal, como participação na imersão de Cristo na morte para emergir junto com Ele na vida plena e arder eternamente no amor de Deus.

Antonio Astigarraga,
professor de liturgia e pároco da paróquia Pentecostés de Irún.
Tradução: Marques Pereira